

# COP30 precisa integrar cidades e florestas<sup>1</sup>

Philip Yang<sup>2</sup>  
Robert Muggah<sup>3</sup>

Às vésperas da COP30 em Belém, uma verdade essencial exige atenção: cidades e florestas não são frentes isoladas na luta por um futuro habitável, mas duas faces da mesma moeda. Florestas de todos os tipos são justamente celebradas como sumidouros de carbono e hotspots de biodiversidade; já as cidades, muitas vezes subestimadas nas negociações internacionais, são igualmente cruciais. Elas respondem por cerca de 75% das emissões globais de gases de efeito estufa e mais de 70% do consumo de energia, o que faz delas um atalho para a redução de carbono e uma alavanca poderosa de ação climática.

Apesar dessa interdependência, persiste um descompasso na governança global do clima. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) - tratado que sustenta as COPs e busca estabilizar as concentrações de gases de efeito estufa - funciona majoritariamente na escala nacional, com foco nos compromissos dos Estados soberanos. Já a Nova Agenda Urbana (NAU), adotada na ONU-Habitat III em 2016, oferece um arcabouço global para a urbanização sustentável, reconhecendo o papel decisivo dos governos locais na construção de cidades equitativas, prósperas, de baixo carbono e resilientes. A ausência de articulação entre esses dois pilares - UNFCCC e NAU - é uma lacuna que a COP30 precisa sanar com urgência.

Esses dois marcos, embora complementares, operam em silos. Governos nacionais costumam fixar metas climáticas sem explorar plenamente o potencial de suas metrópoles, enquanto as cidades, mesmo inovadoras no terreno, carecem de acesso direto a financiamento climático e de voz formal nas negociações globais. Essa fragmentação limita a escala e a eficácia da ação climática. Para colmatar estas lacunas, redes de cidades como a C40, o ICLEI e o Pacto Global de Prefeitos mobilizaram milhares de cidades para exigir uma maior participação na tomada de decisões a nível nacional e global, com efeitos notáveis.

Realizada no coração da Amazônia, a COP30 no Belém oferece uma oportunidade única para romper o fosso floresta-cidade. O Brasil, como anfitrião, já sinalizou compromisso de fortalecer a governança multinível, reconhecendo que cidades e regiões estão na linha de frente tanto dos impactos quanto da implementação. A partir de iniciativas como a CHAMP (Coalizão por Parcerias de Alta Ambição em Múltiplos Níveis), que incentiva governos nacionais a envolver atores subnacionais, a COP30 pode converter intenções

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/cop30-precisa-integrar-cidades-e-florestas.ghtml> Acessado em 18.06.2025

<sup>2</sup> Fundador do Instituto URBEM e Senior Fellow do Cebri. Foi designado Enviado Especial da COP30 para Temas Urbanos.

<sup>3</sup> Cientista político canadense e especialista em cidades. É o co-fundador do Instituto Igarapé, Bioverse e SuperNature.

em resultados concretos.

Eis proposições objetivas para que cidades e florestas se consolidem como duas faces da mesma moeda climática:

- Formalizar o papel dos governos subnacionais na UNFCCC. A participação de cidades vem crescendo, mas ainda se restringe à “agenda de ação”, não ao núcleo das negociações. A COP30 deve criar vias claras para que entes subnacionais contribuam para o debate político mais amplo, bem como para processos como as NDCs (Contribuição Nacionalmente Determinada) e a concepção de estratégias de adaptação.
- Destruar financiamento climático direto para projetos urbanos. Grande parte dos recursos passa pelos governos centrais sem ferramentas adequadas para chegar às cidades, sobretudo nos países em desenvolvimento. A COP30 precisa impulsionar instrumentos financeiros que permitam aos municípios acessar fundos multilaterais e mobilizar capital privado para infraestrutura sustentável, edifícios verdes, transporte eficiente e áreas verdes urbanas.
- Promover planejamento integrado cidade-floresta. A ação climática urbana vai além de reduzir emissões dentro dos limites municipais: envolve reconhecer o impacto nos ecossistemas vizinhos e valorizar soluções baseadas na natureza. A COP30 deve estimular estratégias que conectem sustentabilidade urbana à conservação e restauração florestal. Ao promover estratégias de mitigação e adaptação, o nexo cidade-floresta pode gerar cobenefícios e custos-benefícios.
- Aprimorar a troca de conhecimento entre atores urbanos e rurais. Muitas cidades do Sul Global carecem de expertise técnica e recursos para metas ambiciosas. A COP30 pode criar plataformas de aprendizado entre pares, transferência de tecnologia e pesquisa colaborativa, unindo centros urbanos e comunidades florestais em boas práticas de uso do solo, infraestrutura resiliente e conservação.
- Usar o contexto amazônico para exibir soluções integradas. Sediada em Belém, a COP30 pode demonstrar como centros urbanos dinâmicos e ecossistemas florestais saudáveis se reforçam mutuamente.

Iniciativas bem-sucedidas na região - que combinem desenvolvimento urbano sustentável, proteção florestal e saberes indígenas - podem exemplificar como o crescimento urbano se torna força de regeneração, não de destruição.

Mas para que essa vitrine tenha legitimidade e potência transformadora, é preciso evitar a tentação de encobrir as contradições. A COP30 também deve ser uma ocasião para expor, com coragem e honestidade, a face obscura de Belém e de tantas outras cidades brasileiras e globais: desigualdades gritantes, precariedade urbana, insegurança alimentar, déficit de saneamento e a violência cotidiana que afeta, sobretudo, os mais vulneráveis.

Mostrar essas realidades não enfraquece a narrativa de soluções - ao contrário, a fortalece. Revela os riscos que corremos ao negligenciar uma urbanização justa e integradora e alerta para os custos humanos, sociais e ambientais de modelos urbanos mal concebidos. Que Belém inspire não só pelo que já realiza, mas também pelo que tem a enfrentar - e superar.

A arquitetura climática global, fragmentada entre esferas urbana e rural e centrada numa noção de soberania que subtrai a autonomia dos municípios, não basta para a urgência que enfrentamos. A COP30 é mais que uma conferência: é um ponto de inflexão. Ao integrar formalmente cidades e florestas num único marco de ação, o mundo passará a utilizar seu poder combinado para alcançar as metas climáticas de que tanto precisamos. É hora de tratar florestas e cidades como componentes inseparáveis de um futuro sustentável.